

REDAÇÃO NO VESTIBULAR: A LÍNGUA CINDIDA

MÁRCIA MARTINS CASTALDO .

Resumo

Ao término da Educação Básica, espera-se que um indivíduo esteja habilitado a redigir adequadamente em qualquer situação, sabendo interagir com a palavra para a produção escrita nos diversos gêneros textuais em circulação. Embora tais expectativas se realizem em alguns casos, em geral, mesmo após completarem os ensinos Fundamental e Médio, muitos sujeitos elaboram textos repletos de desvios, marcas que expõem as muitas dificuldades com a produção escrita, as quais revelam uma língua cindida entre um saber-dizer e um dever-dizer. Considerando-se a perspectiva sócio-histórica, os conceitos bakhtinianos de gênero, dialogismo e polifonia, bem como preceitos da Linguística Textual, "Redação no vestibular: língua cindida" consistiu na análise de elementos composicionais da "redação dissertativa de vestibular", gênero que desafia estudantes interessados em ingressar no Ensino Superior. Mais especificamente, foram analisados: (a) a norma linguística, (b) os índices de pessoalidade e (c) a macroarticulação em uma amostra de 374 redações (1% do total) produzidas por candidatos inscritos no Vestibular-2007 promovido pela FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular) – São Paulo, Brasil. Foram analisadas, também, algumas relações entre o perfil sócio-histórico dos candidatos e os perfis de escrita dos textos. Depreendeu-se que a excessiva preocupação com o "outro", com o molde e com a demonstração do saber-fazer interfere no movimento de exteriorização do discurso: em vez de tentar levar ao texto seu universo e sua ideia, o estudante se propõe à tarefa de levar, para o papel, mundo e ideias presumidos do interlocutor e da interlocução, vivencia um confronto – e não uma negociação – entre um saber-dizer que se esvaece diante de um dever-dizer e cinde a língua. As observações realizadas revelaram, ainda, uma escolarização que, no âmbito de sua atuação, parece não promover satisfatoriamente condições para o desenvolvimento de estratégias para o diálogo entre os saberes, para a construção de uma escrita autônoma.

Palavras-chave:

Redação no vestibular, Redação, Ensino de Língua Portuguesa .

AULA DE PORTUGUÊS

A linguagem

na ponta da língua,

tão fácil de falar

e de entender.

A linguagem

na superfície estrelada de letras,

sabe lá o que ela quer dizer?

*Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.*

*Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.*

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade

CISMA

Alardeiam os críticos da escola: a educação formal sequestra a língua fácil, aquela do cotidiano, das emoções, do envolvimento com o texto, produzida com desenvoltura. Dizem que, no processo de escolarização, a expressão vai se dissolvendo nos limites das regras e dos modelos; a vivacidade, arrefecendo, e ocorre o cisma da palavra.

O que propicia esse cisma?

Uma hipótese se desenha: ao redigir, o indivíduo estabelece um confronto entre um saber-dizer e um dever-dizer, em que prevalece o último e ocorre o cisma.

À MODA DA ESCOLA

No complexo universo dos gêneros circulantes, a redação dissertativa de vestibular apresentou-se adequada[1] à visualização do Português cindido.

O *corpus* de análise foi composto por 374[2] redações do vestibular da Fundação Universitária para o Vestibular, FUVEST, do ano de 2007, acompanhadas dos respectivos questionários de avaliação socioeconômica, cedidos pela instituição.

Pressupondo-se, na perspectiva sociointerativa, o papel do contexto sociocultural no letramento do indivíduo, a seleção de textos para a composição do *corpus* buscou a representatividade a partir do equilíbrio de parâmetros como origem do candidato, seu desempenho e sua escolarização (privada, pública, com cursos preparatórios, treinamento[3]) (Quadro 1).

QUADRO 1 - *Corpus*

ANEXO 1

ENTRE A IDEIA E A PALAVRA

Qual trajetória percorre o candidato de vestibular entre a ideia e a palavra?

No caso da redação dissertativa de vestibular, o processamento de texto tem início na leitura da proposta, momento em que se buscam referências, os moldes. Como sinaliza Bakhtin (Bakhtin, 2000: 302) "[...] ao ouvir a fala do outro, sabemos, de imediato, [...], pressentir-lhe o gênero, [...], a dada estrutura composicional, [...]".

De acordo com os preceitos da Língua Textual (Koch, 2004) o reconhecimento do molde ocorre graças aos três sistemas de conhecimento: "Sociointeracional", "Enciclopédico" e "Linguístico".

Por meio do "Sistema Enciclopédico", o candidato aciona e articula os outros dois para resgatar tanto os modelos já vivenciados, quanto sua versão de mundo, e aplica os conhecimentos para ter acesso às ideias contidas no texto e compreender o que se pede. Assume uma postura leitora especial para a situação do Vestibular.

O indivíduo também recorre ao "Sistema Sociointeracional" a fim de determinar os parâmetros norteadores da segunda parte do processamento textual, a redação.

A interação verbal que envolve o gênero "redação dissertativa de vestibular" organiza-se a partir de dois objetivos. O texto é elaborado em função do ato comunicativo em que um eu-escritor dirige-se a um outro-leitor com o objetivo de persuadi-lo quanto à temática proposta, bem como em função dos requisitos do exame, em que um eu-escritor-candidato dirige-se a um outro-leitor-banca. Os

interlocutores têm identidades que combinam os papéis socioculturais e as individualidades de cada um. As relações entre os interlocutores desta forma constituídos atuam sobre o que se tem a dizer e sobre as estratégias para dizer compondo o referencial de produção.

Assim, o eu-escritor-candidato, ao redigir seu texto, deve considerar a proposta temática (conteúdo e forma). Os critérios do vestibular, constantes no manual do candidato, ampliam o referencial de produção do texto, ao apresentarem, ao eu-escritor-candidato, parte das expectativas do outro-leitor-banca. Outra parte das expectativas não se torna acessível porque a forma escrita de comunicação envolve um por vir (Bakhtin, 2000); o locutor (eu-escritor-candidato), ao elaborar seu projeto de texto, presume o destinatário (outro-leitor-banca) e suas respostas. A interação verbal, desse modo, constrói-se sobre imagens da interlocução[4]. Como aponta Bakhtin (2000), essas imagens compõem-se de diversas vozes que participam do conjunto de princípios norteadores da composição.

Entre essas vozes, podem-se pontuar algumas. Há aquelas vindas das orientações escolares, dos materiais didáticos; há modelos, fórmulas para redigir bem a redação que, de tão significativos, ultrapassam o espaço escolar e geram publicações, inclusive, na mídia não especializada.

A partir do referencial de produção constituído por meio do "Sistema Sociointeracional", o eu-escritor-candidato aciona, de modo orientado, os outros sistemas de conhecimento.

No que concerne ao "Sistema Enciclopédico", em sua dimensão declarativa[5], a redação dissertativa de vestibular requisita conhecimentos sobre a temática proposta. Considerando-se o vestibular da FUVEST de 2007, cuja proposta de redação trazia uma coletânea de excertos, o candidato deveria desenvolver conteúdos a respeito da ideia de amizade. No tocante à dimensão procedural, um processo de referenciação bastante complexo se instaura para que tais conteúdos sejam tecidos no papel. O eu-escritor-candidato deve atentar para o mundo do outro-leitor-banca; deve saber resgatar a coletânea e as instruções da proposta para garantir a construção dos vínculos temáticos; ao mesmo tempo, necessita incluir novos dados resgatados de seu conhecimento de mundo e não se esquecer do seu próprio mundo. Exige-se habilidade para promover o encontro entre esses universos no texto.

No âmbito do "Sistema Linguístico", são acionados os conhecimentos declarativos e procedurais relativos à expressão. Levando-se em conta a proposta analisada, solicitou-se a expressão dissertativa característica: norma culta, impessoal, articulada em estrutura argumentativa. O eu-escritor-candidato deveria conhecer cada um desses elementos e saber operar com eles para compor sua redação.

A produção bem sucedida pressupõe, nesse trajeto, a ação dialógica (Bakhtin, 2000) entre um saber-dizer (do eu-escritor-candidato) e um dever-dizer.

Que elementos textuais do gênero redação dissertativa de vestibular podem expor[6] a fragmentação entre o saber-dizer e o dever-dizer, expor o cisma da língua?

Supondo-se os parâmetros de processamento anteriormente arrolados, dois elementos composicionais, norma culta e personalidade, destacam-se por contemplarem a forma dissertativa requisitada. Outros elementos composicionais - relacionados à tessitura do eixo discursivo, ao âmbito macroarticulatório - índices de vinculação entre parágrafos, entre as partes do texto (introdução,

desenvolvimento e conclusão), bem como entre os conteúdos evocados - podem ser apontados.

Para a análise do perfil dos componentes sinalizados foi utilizada a grade ilustrada no Quadro 2.

QUADRO 2 - Grade de Análise

ANEXO 2

SABER-DIZER E DEVER-DIZER

Elementos Composicionais Dissertativos

Norma Culta

O mapeamento do uso da norma culta nas redações estudadas embasou-se na análise[7] dos aspectos gramaticais, das propriedades de articulação entre palavras, frases e períodos e da adequação/variedade de uso do vocabulário, também consideradas em suas relações. As inadequações de uso foram atribuídos valores (desvios leves ou graves) relacionados ao domínio[8] das regras específicas da norma e aos reflexos destas nos mecanismos de coesão e de coerência.

Com base no balanceamento[9] das ocorrências descritas, as redações foram classificadas em quatro níveis de desempenho: "Nível A", textos com correção; "Nível B", produções com domínio mediano da norma; "Nível C", redações com muitos desvios leves e vários desvios graves; "Nível D"; textos com norma precariamente utilizada, demonstrando, inclusive, falta de domínio da variedade escrita.

Gráfico 1 - Perfil de Norma Culta

ANEXO 3

O resultado observado no Gráfico 1 demonstra maior porcentagem de textos, 36%, com emprego satisfatório da norma culta, "Nível B". Os percentuais para os demais níveis, A, C e D são bem próximos e revelam índices que mostram mais dificuldade com a norma (22%, "C"; 23%, "D") do que adequação (19%, "A").

O que manifestam as marcas de desempenho sinalizadas?

O exercício de aproximar o saber-dizer do dever-dizer pode ser interpretado como árduo, como demonstram os 81% de textos em que, em diferentes graus, a língua tornou-se difícil. O caráter fortemente prescritivo da norma culta salienta os

embates decorrentes de um não saber-dizer de acordo com as prescrições do dever-dizer.

O domínio da norma, entretanto, não se revela tão distante do esperado se forem observados os índices dos níveis "A" e "B" somados. O total de 55% em que os candidatos lograram resultados bons e/ou satisfatórios, demonstra que, em certa medida, não há tanto distanciamento entre o saber-dizer e o dever-dizer.

Pessoalidade

Na construção das interações verbais, o locutor manifesta uma voz singular resultante da assimilação e da reestruturação de outras (Bakhtin, 2000). Essa voz assume, ainda, "posições socioavaliativas postas numa dinâmica de múltiplas interrelações responsivas", como salienta Faraco (Brait, 2005: 38) e, de acordo com os parâmetros da interação verbal em pauta, dá forma ao conteúdo a ser expresso e o materializa.

No processo de materialização, essa voz imprime marcas na interlocução, entre elas, as comumente denominadas marcas de "Pessoalidade", que devem respeitar graus de aproximação exigidos pela interação verbal em questão.

Relações distanciadas, impessoais, devem reger a interlocução na redação dissertativa de vestibular.

Entre os recursos linguístico-discursivos indicados para esse tipo de construção com distanciamento entre os interlocutores, tradicionalmente, indica-se o uso de 3ª pessoa. Entretanto, a opção por 3ª pessoa não garante a impessoalidade; é necessário observar o conjunto de recursos empregados na composição do texto.

Nas amostragens analisadas, os pronomes, especialmente "você" e outros de 2ª pessoa, causaram efeitos de aproximação, criando situações de desvio parcial ou integral em relação à pertinência de gênero. Outros recursos encontrados foram: modo imperativo do verbo, vocativo, pontuação, expressões reveladoras de juízo de valor. Convém destacar as ocorrências de uma nota de rodapé e de comentários do eu-escritor-candidato, intervenções geradoras de um plano paralelo de diálogo com o leitor, em tom de pessoalidade.

As redações assim analisadas foram classificadas em: "Nível A", redações construídas com impessoalidade, desenvolvidas em 3ª pessoa, com ocorrências discretas de qualquer outro índice de pessoalidade ou em 1ª do plural sem outros índices de pessoalidade; "Nível B", textos redigidos em 1ª pessoa do plural e com ocorrências dos demais índices de pessoalidade sem comprometimento do caráter dissertativo da produção; "Nível C", amostragens com excesso de elementos de pessoalidade, incluindo o uso de 1ª pessoa (singular ou plural), que comprometeram parcialmente as exigências do gênero; "Nível D", textos que, por sua excessiva pessoalidade, não puderam ser considerados dissertativos.

Gráfico 2 - Perfil de Pessoalidade

ANEXO 4

Como expresso no Gráfico 2, em 35% das amostragens, observou-se impessoalidade; em 41%, o uso índices de pessoalidade sem comprometimento do caráter dissertativo da produção. 18% apresentaram-se comprometidos parcialmente em relação às exigências do gênero. O total de 6%, devido à pessoalidade excessiva, não atenderam às requisições.

Os 24% de textos comprometidos (Níveis "C" e "D") evidenciam um descompasso entre o dever-dizer prescrito pelo gênero requisitado e o saber-dizer do eu-escritor-candidato. O índice de 76% de textos em que as marcas de pessoalidade não comprometeram a adequação revela o predomínio de eus-escritores-candidatos que têm consciência do dever-dizer e sabem-dizer, harmonizam as relações entre os conhecimentos declarativos e procedurais.

Convém acrescentar a respeito deste elemento composicional: a aplicação equilibrada dos índices de pessoalidade mostra mais do que adequação entre o saber-dizer e o dever-dizer, revela os matizes, explicita a identidade, pois, ao atribuir nuance diferenciada ao dito, confere voz ao texto, a qual, mesmo perpassada por várias outras e respeitando a que vem das exigências da interação, tem seu caráter singular.

Elementos Composicionais Macroarticulatórios

Configuração Organizacional

Existe, para cada gênero de texto, um formato característico para organização das informações. A redação dissertativa de vestibular demanda um eixo discursivo direcionado à persuasão e a articulação, sem rupturas, de três unidades básicas - introdução, desenvolvimento e conclusão - formadas por parágrafos, também articulados entre si, sem rupturas, nos quais se concentram núcleos de discussão.

Pressupondo a dinamicidade, os movimentos de retroação e de prospecção que promovem a tessitura do texto, foram consideradas as marcas relativas às estratégias de referência e de sequenciação responsáveis por construir a configuração pretendida (Koch, 2004). Os textos foram divididos em produções com encadeamento total, "Nível A"; com encadeamento parcial de, pelo menos, dois parágrafos, "Nível B"; com fragmentação entre todos os parágrafos, "Nível C"; com construções problemáticas especiais, "Nível D". Textos que não satisfizeram a estrutura dissertativa compuseram o "Nível E" (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Perfil dos Elementos Composicionais Organizacionais

ANEXO 5

Dificuldades são perceptíveis no âmbito da configuração organizacional. Nos 78% correspondentes à somatória dos níveis "B", "C", "D" - 37%, 25% e 16%, respectivamente, - os conteúdos não se apresentaram encadeados em um eixo contínuo, articulados. Os índices revelam sujeitos pouco hábeis em aplicar os mecanismos de retroação/prospecção a ponto de não saberem-dizer no formato requisitado (Nível "E", 7%).

Muitas redações, mesmo algumas entre os 15% que apresentaram encadeamento total, parecem ter sido construídas sobre um molde de conectivos[10] - nem sempre adequadamente aplicados. Tais ocorrências podem revelar ecos de vozes da tradição e da escola os quais, não poucas vezes, impõem padrões rígidos de construção.

Parece haver uma distorção a respeito do uso de modelos. Há formatos bastante rígidos, referentes a gêneros do discurso os quais, como assinala Bakhtin (Bakhtin, 2000: 283), "[...] requerem uma forma padronizada, tais como formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço [...]". Entretanto, a redação dissertativa de vestibular permite maior liberdade e pode, por isso, "[...] refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)" (Bakhtin, 2000: 283). Assim, os modelos deveriam ser apresentados como referência, com a qual o eu-escritor-candidato poderia dialogar e gerar um formato próprio, adequado à construção do eixo discursivo em que o Português não cindisse.

Remissão extra-textual

Tanto para relacionar seu texto à proposta (Pertinência Temática -Assunto) quanto para vincular, à sua produção, conteúdos de seu universo de conhecimentos (Erudição Enciclopédica de Conteúdo), o eu-escritor-candidato precisaria tecer relações dialógicas de incorporação de vozes alheias (Fiorin, 2006).

Para tal, poderia expressar-se ou por meio da internalização dialogizada da palavra do outro, em que os limites entre os enunciados do "citante" e do "citado" não são nítidos, *discurso bivocal*; ou por meio da inserção de citações diretas, nomeadas *discurso objetivado* (Fiorin, 2006).

Analisadas as formas de remissão à proposta e de erudição empregadas nos textos, observou-se inserção por menção; transcrição de trechos; paráfrase; comentários, rearticulação das fontes. Observou-se, também, que parte dos candidatos optou pelo modo generalizado, utilizando-se do *discurso bivocal*, categoria "A". Outra parte dos vestibulandos optou por referências específicas, empregando o *discurso objetivado*, de forma a registrar a remissão de modo explícito, adequado e fluente, categoria "B"; ou de modo desarticulado, "C".

Pertinência Temática - Assunto

O Gráfico 4 mostra os resultados para a Pertinência Temática - Assunto.

Gráfico 4 - Perfil de Pertinência Temática - Assunto

ANEXO 6

Os índices demonstram que a maioria dos candidatos optou por construir a Pertinência Temática de modo genérico (54%). Dos 46% restantes, que decidiram pela inclusão dos textos da Coletânea, 33% inseriram-na de modo adequado. Em 31% dos textos, a articulação apresentou problemas.

Erudição Enciclopédica de Conteúdo

O perfil para esse item apresenta-se no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Perfil de Erudição Enciclopédica de Conteúdo

ANEXO 7

É perceptível o emprego preferencial do modo genérico de desenvolvimento de conteúdos nos textos analisados (76%).

Dificuldades são observáveis a partir da forma de inclusão de conhecimentos oriundos do lastro do eu-escritor-candidato: transcrições, paráfrases, encaixes de citações aglutinadas ao texto e não reformuladas e reestruturadas após suposto processo de assimilação das essências desses conteúdos. Os índices de 17% de textos para a categoria "C", comparados a 7% para a categoria "B", mostram a dificuldade de inserir adequadamente os itens de erudição.

Todo esse esforço em demonstrar conhecimento e atualização pode não resultar em bom desempenho. Em alguns casos, revela-se o texto apenas como pretexto para o eu-escritor-candidato exibir seus saberes, atender à requisição de informatividade (constante no Manual do Candidato) , mostrar-se atualizado.

A inclusão e a tessitura de outras vozes deveriam contemplar o trajeto de assimilação, reestruturação e modificação apontados por Bakhtin (2000), para o *dado* e o *criado*, respeitando uma construção que equilibrasse o saber-dizer e o dever-dizer, demonstrado pela articulação bem realizada. Em vez disso, revela-se a dificuldade de construir a referenciação de modo coeso, articulado; divisa-se um confronto não resolvido com o "outro", dificuldades em dialogar com as vozes alheias. Expõe-se o cisma da língua.

Os descompassos observados nos elementos composicionais analisados e discutidos expõem a tensão entre o saber-dizer e o dever-dizer derivada das tarefas do locutor de buscar a harmonia entre os polos da interlocução e de acionar seus conhecimentos declarativos de modo articulado aos conhecimentos procedurais sabendo-dizer.

QUEM É QUEM?

O perfil característico dos indivíduos produtores dos textos discutidos foi traçado com informações advindas dos questionários socioeconômicos e de dados complementares que acompanhavam cada Amostragem e distribuídas em **Dados Pessoais, Dados Econômicos, Formação Acadêmica do Candidato e Dados do Vestibular.**

Os resultados revelam um eu-escritor-candidato jovem (16-19 anos), solteiro, branco, formado na rede particular de ensino, vindo de contexto formativo propiciador de condições pressupostas favoráveis (origem/inscrição na Capital - onde provavelmente reside e fica imerso na cultura letrada - pais com, no mínimo, formação universitária).

Não convém, entretanto, assumir como determinantes de bom desempenho tais fatores, como ditam as preconceções usuais, pois não são os eus-escritores-candidatos menos favorecidos economicamente, formados pela rede pública de ensino, nascidos e criados em ambiente menos letrado que produziram os 10 textos mais distantes dos requisitos do gênero proposto.

Além disso, o bom desempenho de candidatos que não completaram o Ensino Médio (Treineiros); o fato de a maioria dos candidatos ter frequentado "*Curso Preparatório para o Vestibular*" bem como o desempenho global predominante inferior a 500 pontos (do total de 1000) - e inferior a 600, entre os candidatos que produziram textos adequados às requisições de todos os elementos composicionais - sugerem uma escolarização que parece não promover satisfatoriamente condições para o desenvolvimento de estratégias para o diálogo entre os saberes.

PALAVRA MÁGICA

Para superar o cisma, é necessário ter em mente que qualquer criação, transfiguração de saberes, decorre da ação dialógica. É necessário assimilar, negociar, reestruturar e modificar as vozes diversas, harmonicamente, sem privilegiar esta ou aquela, para que elas se enfrasem, para que elas se consubstanciem em uma língua sem cismas, em palavras mágicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p.1089.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; rev. da trad. Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção ensino superior).

BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José Luiz Fiorin (Orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1994. (Ensaio de cultura, 7).

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____ (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo, Contexto, 2006.

COLELLO, Sílvia M. Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

CORREIA, Manoel Luiz Gonçalves. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ECO, Umberto; SEBEEK, Thomas A. **O Signo de Três**. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Estudos, 121).

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (FUVEST). **Manual do candidato 2007**. Disponível em: <<http://www.fuvest.com.br/vest2007/manual/manual.stm>>. Acesso em: 26 mar. 2008.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (FUVEST). **Redação**. Disponível em: <<http://www.fuvest.com.br/vest2007/provas/2fase/por/por06.stm>>. Acesso em: 22 jan. 2007.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Texto e linguagem).

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia da Letras, 1989. p.143-179.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção texto e linguagem).

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005a.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005b.

LEITE, Marli Quadros. Variação lingüística: dialetos, registros e norma lingüística. In: SILVA, Luiz Antônio (org). **A língua que falamos: português: história, variação e discurso**. São Paulo: Globo, 2005. p.183-210.

LEMOS, Cláudia T.G. de. Coerção e criatividade na produção do discurso escrito em contexto escolar: algumas reflexões. In: VOGT, Carlos et al. **Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus** - Coletânea de Textos - volume I. São Paulo: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO/Coordenadoria de estudos e Normas Pedagógicas, 1988. p. 71-77.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Crise na linguagem: a redação no vestibular**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

_____. O Vestibular e a Redação: mais concordâncias, menos controvérsias. **Estudos em avaliação educacional**, São Paulo, n. 11 p. 23.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. (As faces da lingüística aplicada).

[1] É gênero de acesso ao Ensino Superior; base para redação acadêmica e argumentativa; gênero de referência semelhante ao modelo didático (Schneuwly, 2004); não sofre interferências relacionadas ao descompromisso estudantil com a escrita.

[2] 1% do total de redações.

[3] "Treinamento": realização do exame sem a conclusão do Ensino Médio. "Treineiro": candidato de "treinamento".

[4] Também em Lemos (1988) e Corrêa (2004).

[5] Cf. Koch (2004).

[6] Cf. Ginsburg (1989), Eco (2004), Corrêa (2004) para paradigma indiciário.

[7] Critérios em *A prática da redação na escola: avaliação, um caminho?*, minha dissertação de mestrado.

[8] Conhecimento e proficiência de uso dos recursos e mecanismos de emprego; articulação entre os conhecimentos linguísticos declarativos e procedurais.

[9] Ponderação entre desvios leves e graves.

[10] Estrutura frequente: introdução com uso de conectivo temporal seguida de bloco iniciado por conectivo de contraste; "portanto" marcando a conclusão.

		SEM CURSO PREPARATÓRIO				COM CURSO PREPARATÓRIO			
Candidato	337	117				220			
		INSCRIÇÃO				INSCRIÇÃO			
		CAPITAL 64		INTERIOR 53		CAPITAL 129		INTERIOR 91	
		Pública 22	Privada 42	Pública 9	Privada 44	Pública 46	Privada 83	Pública 27	Privada 64
Treinamento	37	33				4			
		INSCRIÇÃO				INSCRIÇÃO			
		CAPITAL 18		INTERIOR 15		CAPITAL 2		INTERIOR 2	
		Pública 1	Privada 17	Pública 1	Privada 14	Pública 1	Privada 1	Pública 1	Privada 1

AMOSTRAGEM	ELEMENTOS COMPOSICIONAIS				
	DISSERTATIVOS		MACROARTICULATÓRIOS		
	NORMA CULTA	PESSOALIDADE	Configuração Organizacional	Remissão extra-textual	
				Pertinência Temática Assunto	Erudição Enciclopédica de Conteúdo









